

# REDES TEMÁTICAS NA WEB E BISSOCIABILIDADE ON-LINE<sup>1</sup>

Sandra Portella Montardo<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo trata da socialização on-line em blogs de pessoas com deficiência auditiva e de “informados” sobre o tema (Goffman, 1988), buscando identificar seu processo de Inclusão Social (IS). Na medida em que, nesta rede, os deficientes auditivos também são autores de blogs, considerou-se pertinente investigar o conceito de biossocialidade (Rabinow, 2002; Ortega, 2008), assim como a questão do estigma (Goffman, 1988). Frente a isso, nota-se que o conceito de redes temáticas na web (Montardo; Passerino, 2008) se aplica apenas parcialmente a uma rede como esta, visto que os assuntos tratados na mesma compreendem, mas ultrapassam a questão da deficiência auditiva. Para viabilizar metodologicamente este estudo, a netnografia é utilizada para a identificação, seleção e obtenção de dados dos blogs selecionados, e, após, a Análise de Redes Sociais (Recuero, 2005) permite a análise das trocas empreendidas na mesma.

**Palavras-Chave:** Biossociabilidade. Blogs. Redes temáticas na web.

---

## Introdução

Verificar como se dá a inclusão social (IS)<sup>3</sup> de pessoas com deficiência e de seus familiares em redes sociais na web e, posteriormente, identificar padrões de socialização estabelecidos nestas redes, é o objetivo do projeto *Inclusão social via socialização on-line de Pessoas com Necessidades Especiais (PNE)*<sup>4</sup>.

Quanto à análise de blogs de pessoas com deficiência auditiva, pergunta-se: que padrão de socialização se percebe quando as próprias pessoas com deficiência atuam diretamente em redes sociais na web? Que limites e possibilidades os blogs, como suporte de socialização *on-line*, representam para pessoas cuja deficiência é auditiva? Em que medida pode-se usar o conceito de biossociabilidade (ORTEGA, 2008; RABINOW, 2002) para compreendê-la? E que implicação o estigma (GOFFMAN, 1988) pode ter nessa abordagem? O conceito de rede temática na web se aplica a essa rede? Partindo-se desses questionamentos, e observando-se as delimitações impostas pelas opções metodológicas que guiam este artigo, como se dá a IS em blogs de deficientes auditivos? Primeiramente, é

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Cibercultura”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.

<sup>2</sup> Centro Universitário Feevale. E-mail: sandramontardo@feevale.br.

<sup>3</sup> Sobre IS, ver Montardo e Passerino, 2007.

<sup>4</sup> Projeto contemplado com o Edital MCT/CNPq -14/2008 - Universal.

fundamental que se observe as características da deficiência auditiva para que depois as relacione com as habilidades fundamentais exigidas para a socialização *on-line* em blogs.

## 1. Deficiência auditiva e estigma

Deficiência auditiva ou surdez ocorrem quando problemas em alguma das partes do ouvido (ouvido externo, ouvido interno ou ouvido médio) prejudicam a audição em algum grau (REDONDO; CARVALHO, 2000). A incidência de rubéola na mãe, durante a gravidez, doenças hereditárias, assim como a ingestão de remédios sem receita médica, por parte da criança, ou a ocorrência de meningite nesta são algumas das causas conhecidas da deficiência auditiva, sendo que em 50% dos casos não se chega a identificá-las. (REDONDO; CARVALHO, 2000).

Um ponto fundamental para identificar o padrão de socialização *on-line* de surdos e, posteriormente, verificar como se dá sua IS, é entender como ele adquire a linguagem necessária para se escrever em blogs. Seguem alguns métodos existentes:

- a) Oralismo: consiste em fazer a pessoa surda<sup>5</sup> a ouvir e a falar. Para tanto, e com o auxílio de equipamentos, “o método começa com o treinamento de atenção para a leitura orofacial e inclui elementos sonoros isolados, combinações de sons e palavras e finalmente fala” (MOURA, 2000, p. 53), requerendo o envolvimento da família para o pleno desenvolvimento da criança. Se necessário, complementa-se a prática com método oral unissensorial (ênfase na audição com aparelhos auditivos, sem utilizar a leitura labial nem a língua de sinais) ou o método oral multissensorial (estimula todos os sentidos: audição – com aparelhos auditivos –, visão – leitura labial –, e tato, etc.; não utiliza a linguagem de sinais). (REDONDO; CARVALHO, 2000).
- b) Língua de Sinais (LS): dado os resultados insatisfatórios do método oralista, os estudos de Stokoe (1960), nos Estados Unidos, sobre a LS, “tanto no nível de sua estruturação interna como de sua gramática, provaram que ela tinha valor lingüístico semelhante ao das línguas orais e que cumpria as mesmas funções, com possibilidades de expressão em qualquer nível de abstração” (MOURA, 2000, p. 56), não prejudicando suas habilidades orais.

---

<sup>5</sup> Existem surdos-mudos e surdos-falantes, conforme Moura (2000).

- c) Comunicação Total: considerada uma filosofia e não apenas um método, consiste em utilizar todos os meios possíveis para a educação dos surdos: “oralização, prótese auditiva, gestos naturais, linguagem de sinais, expressão facial, alfabeto digital, leitura labial, leitura da escrita, [...]” (CORRÊA apud REDONDO; CARVALHO, 2000, p. 27).
- d) Bilinguismo: congrega a LS e a oral (português), sem que uma interfira na outra, sendo úteis para situações diferentes. (REDONDO; CARVALHO, 2000).

Moura (2000) destaca que a LS continua a não ser reconhecida, sendo que apenas a escrita é considerada a verdadeira fonte de acesso à linguagem. No entanto, como a própria autora faz notar, onde houver surdos haverá a LS. Desde o século XIX, o surdo se sente discriminado, sem direito à sua própria língua. De acordo com Moura (2000), a educação baseada na LS colaboraria para que os surdos fossem vistos mais pela sua diferença do que pela sua deficiência, posicionando-se na sociedade não pela sua exclusão em relação a ela, mas por meio de uma identidade definida em sua positividade.

Na medida em que se trata de relações sociais envolvendo pessoas com deficiência auditiva, vale considerar as questões levantadas por Goffman (1988) sobre o estigma<sup>6</sup>. O estigma implica uma relação social, consistindo em um rótulo depreciativo que uma pessoa ou grupo atribui a outra pessoa ou grupo, com a finalidade de deteriorar sua identidade. Para o autor (1988), o estigma se revela na discrepância entre identidade social virtual (imputação de características a uma pessoa baseada em expectativas prévias) e a identidade social real (atributos que a pessoa realmente possui). Ou seja, por si só um traço característico não é bom nem mau, sendo que o estigma, configurado como fator depreciativo, existe a partir da relação entre atributo e estereótipo. Nas palavras de Goffman, “o normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro” (GOFFMAN, 1988, pp. 148-149).

Escolas residenciais, clubes, festas e competições esportivas que reúnam surdos são consideradas por Mottez (1999), citada por Moura (2000), como lugares que podem servir para estabelecer uma comunidade de Surdos. Nessa situação, a pessoa nunca vai ter a surdez como instrumento de discriminação contra si, posicionando-se socialmente sem o esforço requerido na presença de ouvintes, o que vai colaborar para a estruturação positiva de sua

---

<sup>6</sup> Para Goffman (1988), há três tipos de estigma: deformidades físicas, culpas de caráter individual (prisão, vício, prostituição, etc.) e tribais (raça, nação e religião).

identidade. A cultura dos surdos, segundo Goggin e Newell, consiste em “pessoas que nascem ou se tornam surdas, usam linguagem de sinais como sua primeira língua, e identificam a si mesmos como sendo surdos enquanto também participam de atividades dentro da comunidade” (GOGGIN; NEWELL, 2003, p. 26).

Quanto a isso, Goffman (1988) faz uma leitura mais complexa. Se por um lado situações sociais mistas, em que as pessoas estigmatizadas e as ditas normais convivem, podem resultar em uma interação angustiada para ambas as partes, tal como pontuou Moura (2000), entre seus iguais há a possibilidade de os estigmatizados fazerem de sua “desvantagem” a base para organizar sua vida e, assim, concordarem com a resignação de viver de um modo incompleto. O autor (1988) destaca uma certa ambivalência quanto aos modelos de identidade adquiridos pelo sujeito estigmatizado, já que este não consegue se conformar a eles. Assim, um deficiente auditivo não se vê como surdo, nem o deficiente visual, como cego. É, portanto, na associação com os iguais, ou perante a separação deles, que haverá oscilações de identificação.

Quanto aos alinhamentos intragrupais dos estigmatizados, Goffman (1988) menciona os grupos dos “companheiros de sofrimento”, cujos arautos defendem que o grupo verdadeiro, “natural” da pessoa com deficiência, por exemplo, é esse. Portanto, o indivíduo será uma pessoa “leal e autêntica” se se voltar para seu grupo; caso contrário, será “covarde e insensato”, segundo o autor. Nesse contexto, identifica-se uma postura de militância, da qual se presume que quanto mais o grupo se afasta da sociedade a qual desdenha, devido às noções de orgulho, dignidade e independência inerentes a ela, mais eles se tornam parecidos com a mesma. Nesse tipo de alinhamento, a linguagem é política, como mostra Goffman (1988) e concorda Moura (2000). Segundo a autora (2000), o Movimento Surdo centra-se na busca pelo seu “direito como cidadãos, as suas reivindicações sociais e políticas de educação e de trabalho [...]” (MOURA, 2000, p. 13), além de sua inserção na Educação de outros surdos, prevendo-se bem mais de que uma simples “adaptação” ao mundo ouvinte.

Já os alinhamentos exogrupais, para Goffman (1988), exigem que o indivíduo estigmatizado se veja como normal, sendo que os discursos dessas relações tem base psiquiátrica. Para tanto, cabe ao estigmatizado entender o despreparo dos normais para com o seu traço distintivo, assim como “quebrar o gelo” quanto a ele em situações sociais.

De acordo com essa perspectiva parece estar o exemplo trazido por Goggin e Newell (2003), que mencionam “os desafios éticos” do Implante Coclear<sup>7</sup> junto à cultura dos surdos. Para alguns, a cirurgia, que é recomendada para pessoas com perda profunda ou total de audição, e restaura sua audição, é considerada antiética por consistir no emparelhamento do surdo com um ponto de vista do mundo ouvinte, que tende a seguir o discurso médico sobre a deficiência, enfatizando a incapacidade. Na busca pela *web* sobre blogs de deficientes auditivos, foram encontrados seis que trazem relatos da experiência de passar a ouvir devido à cirurgia, além de um fórum específico sobre o Implante Coclear. Um deles foi analisado nesta pesquisa. Em outro, uma surda lamenta a posição dominante da Cultura Surda de ser contra a cirurgia. Antes, porém, de analisarmos esses blogs, deve-se retomar seu conceito e sua possível relação com redes temáticas na *web* e biossociabilidade.

## 2. Blogs, redes temáticas na *web* e biossociabilidade

Conforme Blood (2000), Jorn Barger utilizou o termo weblog em 1997, para nomear um conjunto de *sites* que “coleccionavam” e divulgavam links interessantes na *web*. O surgimento e a evolução das ferramentas de publicação, a partir de 1999, popularizaram os *weblogs*, proporcionando uma maior facilidade na publicação e manutenção dos *sites*, que não mais exigiam o conhecimento da linguagem HTML. Devido a isso, passaram a ser rapidamente adotados e apropriados para os mais diversos usos. A ferramenta de comentários foi agregada mais tarde, e pode-se dizer que ela constitui hoje uma das principais características estruturais dos blogs por possibilitar a interação de leitores de blogs com os seus autores (AMARAL; MONTARDO; RECUERO, 2008).

Amaral, Montardo e Recuero (2008) sugerem que há três formas de se conceituar blogs: estrutural (descreve sua estrutura de publicação, como postagens e comentários), funcional (ênfata suas funções de comunicação e de socialização) e artefato cultural (visto como um depositário vivo de experiências humanas).

Como destacam Bruns e Jacobs (2007) e Amaral, Montardo e Recuero (2008), observa-se a utilização dos blogs para diversos fins. Pode-se dizer que todas essas

---

<sup>7</sup> É um dispositivo que pode ser embutido por cirurgiões atrás do ouvido no crânio. Eletrodos passam pelo dispositivo para dentro do ouvido interno ou cóclea, permitindo a estimulação de suas fibras neurais, permitindo a captação de sons para o seu usuário. (GOGGIN; NEWELL, 2003).

apropriações tem em comum o fato de permitirem a socialização *on-line* entre autores e leitores de blogs, por meio das postagens e dos comentários.

Em função de estudos anteriores (MONTARDO; PASSERINO, 2008; MONTARDO, 2008), foi necessário conceituar rede temática como uma rede social na *web*, portanto como um conjunto de nós e de suas conexões (RECUERO, 2005) que se estrutura em torno de um tema específico e que se mantém restrita a ele. Cabe verificar se esse conceito se aplica a uma rede em que os próprios autores têm a deficiência auditiva, mas não sem antes investigar sua relação com a biossociabilidade.

Em pesquisa focada na articulação de discursos e práticas do biopoder<sup>8</sup> a partir de um estudo etnográfico do Projeto Genoma, mas que não se restringe a ele, Rabinow (2002), busca verificar as mudanças de práticas e éticas no decorrer do avanço desses estudos. O argumento de Rabinow (2002) reside em que corpo e população estejam em vias de se rearticularem no que ele chama de racionalidade pós-disciplinar, uma vez que a nova genética converter-se-á em um fluxo de termos de identidade e lugares de restrição, por meio da qual surgirá a biossociabilidade. O contraste abaixo esclarece o conceito:

Se a sociobiologia é cultura construída com base numa metáfora da natureza, então na biossociabilidade a natureza será modelada na cultura compreendida como prática: ela será conhecida e refeita através da técnica, a natureza finalmente se tornará artificial, exatamente como a cultura se tornou natural. Se este projeto chegasse a ser realizado, ele seria a base para superar a separação entre natureza e cultura. (RABINOW, 2002, p. 143-144).

O autor (2002) cita Castel quanto à dissolução do social nas sociedades ocidentais ser condição *sine qua non* para que essa superação ocorra, na medida em que o biológico passa a atuar como fator determinante do cultural. Entre as várias questões subjacentes às possibilidades do esquadramento genético, Rabinow (2002) destaca a formação de novas identidades e práticas individuais e grupais. Assim, segundo ele,

Haverá grupos portadores de neurofibromatose que irão se encontrar para partilhar suas experiências, fazer lobby em torno de questões ligadas as suas doenças, educar seus filhos, refazer seus ambientes familiares, etc. É isto o que eu entendo por biossociabilidade.[...]. Esses grupos terão especialistas médicos, laboratórios, histórias, tradições e uma forte intervenção de agentes protetores para ajudá-los a experimentar, partilhar, intervir e ‘entender’ seu destino.” (RABINOW, 2002, p. 145).

---

<sup>8</sup> Biopoder, para Foucault (1984) é “aquilo que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana” (Foucault apud RABINOW, 2002, p. 135). Ortega (2008) destaca que o biopoder se articulava de uma dupla forma: 1) anátomo-política do corpo, via disciplinamento corporal; 2) biopolítica das populações, cujo objetivo era a medicalização e a normalização da sociedade.

Pode-se dizer que o autor (2002) acerta na previsão. Seja sob forma de grupos de apoio, seja sob forma de redes temáticas na web, conforme estudos anteriores já mencionados neste artigo, muitos esforços de socialização tem sido empreendidos a partir de variáveis biológicas.

O conceito de biossocialidade também aparece em Ortega (2008), porém, tomado de empréstimo de Rabinow, como o próprio autor esclarece em nota de fim de texto<sup>9</sup>. Seu interesse é entender as bioasceses contemporâneas em contraponto com as ascèses na Antiguidade. Harpham (1987), citado por Ortega (2008), considera a ascèse como uma prática que visa a transformação cultural e hermenêutica. Uma genealogia da ascèse foi o eixo em torno do qual Foucault elaborou sua história da subjetividade, conforme Ortega (2008).

O movimento do asceta se baseia na transgressão, na fundação de uma nova subjetividade, em um universo simbólico alternativo, tratando-se de uma prática de liberdade, visando uma dimensão política e moral. Portanto, é um fenômeno com foco na alma que pode implicar questões corporais. Já as bioascèses contemporâneas buscam o corpo e a saúde perfeitos, por meio da dietética, do *fitness*, das cirurgias, do controle de taxas (colesterol, por exemplo), consistindo em práticas nas quais a vontade constrange a liberdade e a espontaneidade, num processo de “assujeitamento” e disciplinamento. Ao contrário das ascèses clássicas, as bioascèses visam a uniformidade, a conformação à norma, num processo de somatização da subjetividade.

Para o autor (2008), essa é uma das expressões do conceito de biossociabilidade. Esse conceito abrange a descrição e análise de novas formas de sociabilidade provenientes da interação entre capital, biotecnologias e a medicina. Para Ortega (2008):

A biossociabilidade é uma forma de sociabilidade apolítica constituída por grupos de interesses privados, não mais reunidos segundo critérios de agrupamentos tradicionais como raça, classe, estamento, orientação política, como acontecia na biopolítica clássica, mas segundo critérios de saúde, performances corporais, doenças específicas, longevidade, entre outros.(ORTEGA, 2008, p. 30).

---

<sup>9</sup> Segundo Ortega (2008), o termo biossociabilidade em Rabinow provem de uma tradução de “Artificiality and Enlightenment: From Sociobiology to Biosociality” feita em 1999. No original, segundo nota em Rabinow (2002), o artigo foi publicado em Janathan Crary (Ed.), *Zone 6: Incorporations*, Cambridge, MIT Press, 1992. Uma edição mais atual do mesmo artigo é o que fornece esse conceito para este artigo.

O autor identifica as bioidentidades como identidades calcadas em procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos, sendo o corpo fonte básica de sua identidade. Como Rabinow (2002) faz notar, o conceito de doença é substituído pelo de deficiência na II Guerra Mundial, na Inglaterra, num contexto de avaliação de força de trabalho disponível. O déficit deve ser compensado socialmente, psicologicamente e espacialmente (mulher frente ao homem, negro frente ao branco e deficiente físico frente ao não deficiente físico, etc.), enquanto a doença deve ser tratada. Por consequência, a ocupação com questões particulares de um grupo por parte das bioidentidades sociais faz esquecer ideais sociais mais abrangentes. Tal como assinala Castel, no texto de Ortega (2008), quando a materialidade do biológico informa a experiência identitária, referentes fisicalistas substituem os culturais. Ortega (2008) assinala que, apesar do tom crítico do seu artigo, é inegável que idosos e portadores de deficiência, por exemplo, beneficiaram-se dessa cultura somática, em contraposição à ideologia que estigmatiza a doença e a deformação física. Vejamos, a seguir, o uso que os blogs tem por parte dos deficientes auditivos para que se verifique até que ponto esses conceitos são pertinentes na perspectiva pretendida por este artigo.

### **3. Netnografia aplicada à rede de blogs de deficientes auditivos**

Na medida em que o uso da netnografia no estudo de blogs (MONTARDO; PASSERINO, 2006) e combinada à ARS (MONTARDO, PASSERINO, 2008; MONTARDO, 2008) está relatado em estudos anteriores, passaremos à descrição do processo, de acordo com estas etapas.

Neste estudo, a netnografia é utilizada para a seleção da amostra, via buscadores na web, e a obtenção de dados da amostra da rede (transcrição de textos em tabelas). Foram encontrados 63 blogs, entre os quais, de pessoas com deficiência auditiva em graus variados, de profissionais (educadores, em sua maioria) ou de ambos. Seis autores de blogs portugueses e cinco de blogs brasileiros concordaram em ter seus blogs observados. Destes, 7 blogs são de autores com deficiência auditiva e 4 de profissionais ou de interessados da/na área. O período de análise é de janeiro de 2007 a outubro de 2008.

Além do contato entre os estigmatizados e os “normais”<sup>10</sup>, existe a situação social mista entre os primeiros e os “informados”, segundo Goffman (1988). Os informados são pessoas normais que desfrutam da intimidade do estigmatizado, simpatiza com sua condição e são, por isso, aceitos. Exemplos disso são profissionais, como terapeutas, enfermeiras ou, nesse caso, educadores de surdos. Os pais de pessoas com deficiência também são considerados informados. Por essa razão, blogs de informados sobre a deficiência auditiva também fazem parte da rede selecionada, sugerindo a possibilidade de análise da socialização mista.

Desses 11 autores de blogs, seis responderam a um questionário. Chama a atenção que cinco dos respondentes escrevem em mais de um blog. Apenas um dos respondentes afirma atualizar seu blog mais de uma vez por semana, enquanto os outros costumam fazê-lo uma vez por mês, uma vez por semestre ou o fizeram apenas uma vez. Metade dos respondentes afirma comentar em blogs uma vez por mês. Entre os demais, o hábito é mais esporso.

Entre os temas de interesse, tanto para postagens quanto para leitura em blogs, estão questões relativas à deficiência auditiva aliadas a outros de interesse pessoal. Apenas um respondente colocou a deficiência auditiva como único interesse em blogs. As frases a seguir resumem os objetivos dos respondentes em manterem blogs, os quais, segundo afirmam, foram alcançados:

Promover a problemática da surdez, fazendo-a chegar a um maior número de pessoas, sem ser pelos métodos tradicionais de divulgação...(Respondente informado sobre deficiência auditiva).

Ocupação de tempo livre, expressão de sentimentos pessoais sobre a minha doença, divulgar informações sobre a minha doença e a deficiência auditiva, tentar encontrar ‘pares’. (Respondente com deficiência auditiva).

Somente um dos respondentes afirma que o blog é a sua única forma de socialização *on-line*. Todos os demais afirmam utilizar comunicadores instantâneos, redes sociais e todos os meios “que permitam comunicar com o Mundo” (respondente com deficiência auditiva). Após descrita a obtenção de dados dessa rede, importa verificar a sua análise propriamente dita.

#### **4. ARS e Discussão de resultados**

---

<sup>10</sup> No decorrer do artigo, utilizar-se-á a palavra “normal” tal qual feito por Goffman (1988): pessoa não estigmatizada na relação social considerada, ou seja, a pessoa que não tem deficiência auditiva.

Recuero (2005) fornece um modelo de ARS que contempla o aspecto qualitativo das interações, o qual é constituído de três elementos principais: organização, estrutura e dinâmica. A organização se relaciona à interação social em um grupo, enquanto a estrutura se refere ao resultado das trocas empreendidas no mesmo, em termos de laços sociais e de capital social. Por fim, a dinâmica trata das modificações sofridas por uma rede com o passar do tempo. Conforme já se pode perceber na tabela para sistematização de análise dos conteúdos, a organização e a estrutura da rede serão privilegiadas, uma vez que a dinâmica de redes temáticas sobre pessoas com deficiências tende a ser de cooperação. Para a análise da estrutura, pretendendo-se indicar os tipos de conexão que as formam, bem como os tipos de trocas que se estabelecem, aplica-se a adaptação sugerida ao modelo supracitado em um estudo anterior (MONTARDO; PASERINO, 2008), que deduz o tipo de laço social, conforme Granovetter (forte ou fraco)<sup>11</sup> a partir da análise em conjunto do capital social<sup>12</sup> implícito na postagem, de acordo com Bertolini e Bravo (2004), e de sua correspondência ou não nos comentários. Por exemplo, se o conteúdo da postagem for de cunho relacional e, em resposta, um comentário for feito correspondendo a essa expectativa, por meio de comentário relacional, tem-se um laço forte. Ao contrário, caso a postagem privilegie um aspecto cognitivo e obtiver como resposta um apelo emocional, configura-se um laço fraco<sup>13</sup>. A tabela abaixo traz considerações sobre a rede selecionada que serão discutidas a seguir:

Blogs	No. de postagens em 2007 e 2008	No. de comentários em 2007 e 2008	Tema	Comentários de autores desta rede	Capital social proposto nas postagens	Capital social presente nos comentários	Laço social predominante
<b>1. Blog Informado 1</b>	94	63	Cursos, congressos, leis e notícias sobre assuntos relacionados à surdez.	0	Cognitivo	Cognitivo	Forte

<sup>11</sup> Para Granovetter (1974), laços fortes são aqueles que indicam uma relação linear entre tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua) e serviços recíprocos entre os atores de um mesmo *cluster*, enquanto que os laços fracos se caracterizam por contatos irregulares (em frequência e em intensidade) que ocorrem nas relações sociais. Justamente por conta disso, no entanto, os laços fracos constituem fonte alternativa de informações e, com isso, de provável mobilidade dentro da sociedade.

<sup>12</sup> Para Bertolini e Bravo (2004), citados por Recuero (2005), existem cinco tipos de capital social: relacional, normativo, cognitivo, confiança no ambiente social e institucional. Além disso, esses tipos podem ser agrupados enquanto capital social de primeiro nível (relações, normas e leis e conhecimento) e de segundo nível (confiança no ambiente social e presença de instituições).

<sup>13</sup> É importante lembrar que, para Granovetter (1974, 1983), um laço fraco não é inferior a um laço forte em termos de socialização pois garante mobilidade social.

<b>2. Blog Informado 2</b>	6	4	Surdez, ensino de surdos e linguagem gestual.	1	Cognitivo	Cognitivo	Forte
<b>3. Blog Informado 3</b>	8	6	Surdez, ensino de surdos e linguagem gestual na escola.	0	Cognitivo	Relacional/ Cognitivo*	Fraco/Forte
<b>4. Blog Informado 4</b>	18	52	Poemas e parábolas de cunho religioso, pouca informação sobre surdez.	1	Relacional	Relacional	Forte
<b>5. Blog DA<sup>14</sup> 1</b>	34	35	Sobre a experiência de ouvir após o Implante Coclear.	2	Relacional	Relacional	Forte
<b>6. Blog DA 2</b>	10	1	Reflexões filosóficas, parábolas e poemas.	0	Relacional	Cognitivo	Fraco
<b>7. Blog DA 3</b>	41	76	Vida na universidade, assuntos em geral, posicionamento quanto à Cultura dos Surdos.	4	Relacional	Relacional	Forte
<b>8. Blog DA 4</b>	1	1	Comentário sobre um filme.	0	Relacional	Cognitivo	Fraco
<b>9. Blog DA 5</b>	2	2	Currículo e datas de exposição de Arte.	0	Cognitivo	Cognitivo	Forte
<b>10. Blog DA 6</b>	2	2	Relato pessoal sobre surdez, leis para Educação de surdos.	0	Relacional/ Cognitivo	Relacional/ Cognitivo*	Forte
<b>11. Blog DA 7</b>	14	1	Vídeos ligados a assunto gerais, figuras ligadas à surdez..Ex: alfabeto digital.	0	Cognitivo	Cognitivo	Forte

Tabela 2. Resumo da socialização *on-line* em rede de deficiência auditiva e informados em blogs.

Fonte: Elaborado pela autora.

\* Não há predomínio de um sobre o outro, havendo o mesmo número de ocorrência para ambos.

Como se percebe, esta rede é bastante fragmentada, uma vez que no *blogroll* de nenhum dos blogs analisados há links para outros da mesma amostra. Da mesma forma, não se encontram links nas postagens apontando para outros blogs. No entanto, é na troca de

<sup>14</sup> Deficiente auditivo(a).

poucos comentários de duas autoras de blogs DA e de comentários de uma delas às postagens de informados que garantem o frágil aspecto de rede entre alguns desses blogs.

Uma constatação decorrente disso é que a maioria desses blogs aparece como unidades isoladas de uma rede temática maior, pelo menos a partir de um ponto de vista quantitativo, baseado em número de links. Uma hipótese é que muitos desses autores escreve em mais de um blog, o que pode acarretar certa dispersão na atualização de postagens e comentários. Entretanto, em questionário um autor de blog respondeu que, apesar de não receber muitos comentários, seu blog é bastante lido.

Quanto aos temas tratados, os blogs de DA não se restringem à deficiência auditiva, mas combinam-se a outros, ligados ao cotidiano. Conforme já foi posto, o Implante Coclear é uma constante quando o tema é a deficiência auditiva e, consigo, revela outros aspectos da comunidade Surda, como mostra os trechos de postagens abaixo:

*As minhas conquistas sonoras são tão capazes de esmagar em absoluto os críticos em relação ao Implante Coclear, por isso xô! Escutar é extraordinário! Ainda mais uma benção em discriminar algumas das palavras e melhor do que os sonhos só mesmo a realidade. (DA 1).*

*A meu ver, a sociedade está cada vez mais receptiva em lidar com os cidadãos portadores de deficiência, ao nível social. Há ouvintes que se interessam por se integrar na comunidade surda, aprendendo a língua dela. (DA 3)*

DA 3 testemunha, de acordo com Moura (2000) e com Goggin e Newell (2003), que a comunidade de surdos não é homogênea, que cada surdo tem sonhos, nível cultural e recursos técnicos diferentes. Além disso, ela, que não usa o Implante Coclear, defende o direito de cada surdo em fazer suas próprias escolhas, sem depender das opiniões dos porta-vozes, ou “relações públicas” da cultura surda, como ela os chama. “Ou seja, quer que usemos prótese auditiva quer optemos pelo implante coclear ou que desistamos dessas possibilidades, o respeito pela opção individual é, e deve ser, prevalecido”. (DA 3). É importante destacar que não foi localizado na amostra, em postagens ou comentários, nenhuma posição contra esse Implante, o que deve ser uma posição dominante na comunidade de surdos.

Não só profissionais formam a categoria de informados dessa rede. Porém, os pais de DA não compõem essa amostra, tal como se percebeu em redes estudadas anteriormente.

## **Considerações finais**

A análise desta rede permite observar que a biossocialidade *on-line* de DA e de informados sobre o tema existe. No entanto, pode-se falar apenas em redes temática na *web* quanto aos blogs de profissionais, no sentido de se restringirem ao tema da educação da linguagem dos surdos. Entre os próprios, a deficiência auditiva convive com outros comentários do cotidiano. Nota-se que o contato entre os DA e os informados via blogs é restrito, resumindo-se ao agradecimento pelo interesse na temática dos primeiros em relação aos últimos. Entre informados, sejam blogueiros ou leitores de blogs, as trocas são quase que exclusivamente de capital social cognitivo.

Percebe-se uma identificação entre a oscilação de identificações em situações sociais mistas, prevista por Goffman (1988), e as experimentadas pelos ascetas, por um lado, e pelos bioascetas, por outro, conforme Ortega (2008). Para o estigmatizado, a associação ou distanciamento com relação aos seus iguais pode provocar essas oscilações, numa alternância entre a decisão de se assumir como surdo ou na adoção dos valores da cultura ouvinte. Assim como o asceta, alguns deficientes auditivos buscam um deslocamento de subjetividade, que visa a um modo alternativo de vida, um movimento pela liberdade de passarem a ouvir, por meio de próteses e implantes, como revelam algumas citações de blogueiros com deficiência auditiva. Porém, tal qual o bioasceta, estas escolhas provém de decisões pessoais, individuais, e, por isso, apolíticas, de acordo com os autores consultados, e exigem certa disciplina para o sucesso das intervenções cirúrgicas (fazer reajustes necessários, praticar a identificação de sons, etc.).

Em parte, a fragmentação da rede se deve à ausência dos arautos da Cultura Surda na *web*, pelo menos entre os blogs da amostra. Ao que tudo indica, por uma questão ideológica, conforme já posto, estes devem se comunicar predominantemente pela LS e não necessariamente conheçam a Língua Portuguesa, o que os impossibilitaria de usar a *web*.

A IS, nesse caso, pode ser identificada nos blogs de informados voltados para informados, que tem por consequência a inclusão dos deficientes auditivos, e nos relatos pertinentes à deficiência auditiva feitos pelos DA para os mesmos e para os informados.

## Referências bibliográficas

AMARAL, A.; MONTARDO, S. P.; RECUERO, R. **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009. Disponível em: <http://www.sobreblogs.com.br>. Acesso em 01 fev. 2009.

BERTOLINI, S.; BRAVO, G. Social Capital, a Multidimensional Concept. Disponível em <<http://www.ex.ac.uk/shipss/politics/research/socialcapital/other/bertolini.pdf>>. Acesso em 10 out. 2008.

BLOOD, R. **Weblogs: a history and perspective**. (2000) Disponível em <[http://www.rebeccablood.net/essays/weblog\\_history.html](http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html)>. Acesso em 30 jul. 2008.

BRUNS, A.; JACOBS, J. **Uses of blogs**. New York: Peter Lang, 2007.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOGGIN, G.; NEWELL, C. **Digital disability**. The social construction of disability in new media. Maryland: Rowman & Littlefield, 2003.

GRANOVETTER, M. The strenght of weak ties: a network theory revisited. In: **Sociological Theory**, Volume 1. 1983, p.201-233.

\_\_\_\_\_. **La fuerza de los vínculos débiles**. 1974 Disponível em <http://www.ucm.es/info/pecar/Articulos/GRANOVETTER2.pdf>. Acesso em <30 jan. 2009>.

MONTARDO, S. P. Fotos que fazem falar: desafios metodológicos para análise de redes temáticas em fotologs. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, no. 37, dez. 2008, pp. 75-84. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos>. Acesso em 2 fev. 2009.

MONTARDO, S. P. ; PASSERINO, L. Espelhos quebrados no ciberespaço: implicações de redes temáticas em blogs na Análise de Redes Sociais (ARS). Trabalho aceito no GT Comunicação e Cibercultura, do 17º. Encontro da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação de Comunicação (**Compós**). São Paulo, UNIP, 2008. Disponível em <<http://www.compos.org.br>>. Acesso em 10 out. 2008.

\_\_\_\_\_. Inclusão social via acessibilidade digital: proposta de inclusão digital para Pessoas com Necessidades Especiais (PNE). In: **eCompós**. Edição 8. Abr. 2007. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/ecompos/adm/documentos/ecompos08\\_abril2007\\_passerino\\_montardo.pdf](http://www.compos.org.br/ecompos/adm/documentos/ecompos08_abril2007_passerino_montardo.pdf)>. Acesso em 10 out. 2008.

\_\_\_\_\_. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. In: **Renote**. Porto Alegre: UFRGS, Vol. 4, no. 2, Dez. 2006. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2006/artigosrenote/25065.pdf>>. Acesso em 10 out. 2008.

MOURA, M. C. **O Surdo**: Caminhos para uma Nova Identidade. São Paulo: Revinter, 2000.

ORTEGA, F. Do corpo submetido à submissão do corpo. In: ORTEGA, F. **O corpo incerto**. Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

RABINOW, P. Artificialidade e iluminismo: da biossociologia à biossociabilidade. In: RABINOW, P. **Antropologia da razão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

RECUERO, R. Comunidades virtuais em redes sociais: uma proposta de estudo In: **E-Compós**, Brasília, Compós, v.4, Dez 2005. (2005). Acesso em 5 jan. 2009.

REDONDO, M. C.; CARVALHO, J. M. **Cadernos da TV Escola. Deficiência auditiva**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação a Distância, 2000.